

Metodologias são para educar ou para ensinar?¹

Profa. Dra. Gilda Naécia Maciel de Barros (Feusp)

Resumo: Discute-se aqui a relação do termo *metodologia* com os conceitos *educar* e *ensinar*; questiona-se o emprego de metodologias enquanto instrumento de operação de tal ou qual disciplina, uma vez que essa perspectiva as tornaria restritas ao campo de filosofias de ensino de tal ou qual matéria; sugere-se que o problema em tela ganha uma dimensão de maior valor heurístico se as metodologias são consideradas da perspectiva, mais ampla, da filosofia *de* ensino, que, de alguma forma, tem um vínculo essencial com o tema da formação do homem.

Palavras Chave: Método – Buisson – disciplina – diferença específica – ensinar – educar – fins – valores.

Abstract: This paper discusses the relationship between the term *methodology* and the concepts of *educate* and *teach*. It questions that the use of methodologies, as operational tool of one or other discipline, would restrict them to the field of educational philosophies of this or that matter; It suggests that the problem in question gains a dimension of greater heuristic value if the methodologies are considered from a broader philosophy - the teaching philosophy, which, somehow, has an essential link with the man's formation subject.

Keywords: method – Buisson – discipline – specific difference – teaching – educate – values

O assunto dessa comunicação, que se apresenta sob a forma de uma pergunta, é complexo. Obrigar-nos-ia a considerar, em espaço tão pequeno, conceitos nucleares às disciplinas história da educação e filosofia da educação. Além, é claro, de conceitos próximos, se não explícitos, de alguma forma, porém, conectados ao desenvolvimento da matéria. Dessa forma, escolhemos, como meio de acesso à questão, propor *considerações*, preliminares, que mais traduzem um esforço da aproximação ao tema do que, de fato, uma *forma de saber*.

Por conceitos nucleares explícitos entendemos *educação*, *ensino*, *metodologia*. Por conceitos implícitos, lembro, exemplificando, *método*, relativamente à metodologia, *técnica*, relativamente à arte; *formação*, relativamente à educação; *instrução*, relativamente a ensino. E, a seguir, os *correlatos*, que espontaneamente se impõem à nossa reflexão, àqueles associados: *escola*, *currículo*, *programa* e congêneres.

Além desses termos, apresentam-se figuras importantes, ligadas a conceitos também nucleares àquelas disciplinas: *mestre* e seu correlato, professor; *discípulo* e seu correlato, aluno. E, acima desses, a todos abarcando, está a idéia de *ser humano*. A esse, apegam-se outras referências, como natureza, história, sociedade, sociabilidade, civilização, cultura e congêneres.

Essas observações, nós as fazemos como ponto de partida, para afastar, de vez, de nosso trabalho, o caráter de uma solução, que ele, absolutamente, não pretende, nesse contexto, apresentar. Isto posto, ficamos à vontade para pensar alto, partilhando idéias, que talvez pareçam ingênuas, mas que não podem ser descartadas, como pontos de referência cruciais a essa reflexão.

O tema apresenta-se em forma de questão disjuntiva. Vamos eliminar a disjuntiva, recorrendo à adição ou à exclusão? Vale dizer, temos que decidir se as metodologias ensinam, se as metodologias educam? Não nos caberia perguntar se elas não podem participar das duas ações e responder aos dois resultados? Se ensinam não educam, se educam não ensinam?

¹ Essa comunicação foi apresentada na Semana da Educação da FEUSP em 2009.

A *disjuntiva* sugere um afastamento conceitual entre educar e ensinar. Vamos manter? Ou vamos aproximar, ainda que *funcionalmente*, ambos os conceitos? Mas, comentaria alguém, perguntando o que, à primeira vista, parece óbvio - “As metodologias são para ensinar, não”?

Não identificamos, em currículos e programas, a disciplina *metodologia da educação*; encontramos, antes, a disciplina *metodologia do ensino de tal ou tal disciplina*; por exemplo, de física, química, língua alemã e que tais. Disso resulta que o polêmico da questão é introduzido pelo conceito “educar”. Pois se o termo *educar* inclui o termo ensinar, todavia logicamente não o subsume, em toda extensão.

A partir desse ponto, perguntamos: *se e quando educam*, quando e como as metodologias o fazem? Este, o aspecto essencial do problema. Deixando de lado as disjuntivas, os conceitos *educar* e *ensinar*, pensemos em *metodologias*. Imediatamente nos vem à mente: metodologias? Por que não *métodos*?

A questão de métodos pode constituir uma das duas grandes divisões do ensino da pedagogia, lembra a obra *Dictionnaire de Pédagogie d'Instruction Primaire*, de Buisson (Paris: Hachette, 1887). Este mesmo dicionário, no verbete *Méthodologie*, acrescenta, ainda, que belgas e suíços franceses designam dessa forma a parte da ciência da educação que os alemães chamam *Methodik*, não sendo a palavra usada na França, e aparecendo, no programa das escolas normais prussianas, como “a ciência especial do ensino”.

Qual seria o entendimento dessa questão, entre nós? Qual a nossa tradição? Nessas considerações relativamente ao binômio *metodologia* em face de *disciplina* é oportuno perguntar por que a palavra método foi aqui elidida.

Vejamos o seu sentido nas raízes. A palavra *método* [*méthodos*], que se compõe de *metá* + *hodós* [*rota*], indica a idéia de *caminho para se chegar a um fim*. Também pode significar: pesquisa paciente, pesquisa científica, modo de pesquisa, teoria metódica, sistema, científico, ciência. Vejamos a palavra *methodeíuo*. Ela remete à idéia de seguir passo a passo, procurar com método, estudar metodicamente. Já *metodologia*, ensina ainda o Aulete, palavra que se compõe de *método* + *lógos* (tratado) – *ia*, é o estudo dos métodos de ensinar uma arte ou ciência. Ou o ato de dirigir o espírito na investigação da verdade.

Nesses termos, quando se pergunta se metodologias são para educar ou ensinar estar-se-ia referindo a *métodos*? A nosso ver, sim, pois não se trataria de metodologia geral, ou de ciência do método, e, sim, de método aplicado ao ensino.

Assim, se na questão em tela esse sentido primeiro de metodologia não é considerado, deixemos de lado a metodologia como disciplina que estuda o problema do método em si. Tomando um termo pelo outro, com vistas à *aprendizagem*, na escola, passemos de novo a considerar a correlação entre *educar* e *ensinar*.

Então, pergunta-se - o que aproxima ou afasta o educar do ensinar? Qual será nossa referência para estabelecer a relação de proximidade ou de afastamento entre esses dois conceitos? *Ensinar* significa, entre outras coisas, *dar instrução a*, fazer conhecer, dar conhecimento a alguém sobre as regras e preceitos que constituem alguma ciência ou arte. Mas apresenta-se, aqui, um problema. O dicionário Aulete registra também *educar* como outro sentido de *ensinar*, que vem do latim, *insignare*. E isso dilui, para nós, a diferença específica entre os conceitos.

A idéia de *ensino* aponta o sentido que logo nos vem à mente, quando aproximamos *metodologia* de *disciplina*. Vale dizer, o método como instrumento privilegiado para ministrar certo conhecimento, restrito a um campo do saber; conhecimento que tomou o nome de tal matéria – matemática, biologia, língua portuguesa etc, não importa se na área de exatas, biológicas ou humanas.

Por sua vez, atentemos para *educar*, que vem do latim, *educare*, e para *educatio, onis*. O primeiro sentido de educação remete à ação de criar, alimentar, alimentação, criação, cultura. A idéia primeira de *educio* está no ato de conduzir para fora, fazer sair, tirar de, mas se registra também *educação* como *instrução*. E isso dilui a diferença específica. O Aulete registra o *educar* como o ato de *formar* a inteligência, o coração, o espírito de ..., mas não deixa de o aproximar dos termos *instruir*, *doutrinar*.

Isto posto, se o dicionário aproxima, circunstancialmente, um conceito do outro, de onde virá o nosso socorro? Certamente não virá da análise *etimológica* dos termos. A pergunta que encabeça o título dessa discussão não está voltada para o *método* como um conjunto de preceitos *de instrução*, no sentido estrito. Na verdade, o vínculo entre disciplina, metodologia e ensino não parece estar, aqui, sendo questionado. Faz parte da *racionalidade* humana buscar o melhor caminho para se atingir um objetivo, com o menor dispêndio de esforço e com o melhor resultado.

O emprego de método, como ensina o *Dictionnaire de Pédagogie d'Instruction Primaire*, Buisson (Paris: Hachette, 1887), no verbete *methode*, é marca do homem; enquanto o animal age por instinto, somos capazes de aplicar a razão às nossas operações e discipliná-las com vista a fins. Então, o que resta saber é se, favorecendo o ensino, o emprego do método favorece a educação.

Retomando a questão tal como está formulada: “*metodologias são para educar ou ensinar?*”, perguntamos: o termo *metodologias*, colocado assim, no plural, e sem artigo, equivale ao termo *metodologia*, no singular? E, lembremo-nos, há a *cópula* entre os termos *metodologias*, de um lado e, de outro, *educar/ensinar*, construída com o verbo *ser*, modificado pela preposição (de destino) “*para*”.

Por isso pergunta-se: que sentido dar a esse “*metodologias são para ...?*”? Traduziria, aqui, um *juízo de valor*, ainda que não *assertivo*? Seria o caso de se ler: “*metodologias devem educar ou ensinar?*” Ou: *metodologias*, que servem para ensinar (algo a alguém), também educam? Ou, também *deveriam* educar?

A conclusão, provisória, é claro, que se impõe, qual é?

Parece que a afirmação mais próxima do senso comum consiste em pensar que o emprego de *metodologias*, por exemplo, na escola, pode apresentar-se como o braço operacional de certa disciplina. Esse uso, enquanto corresponda a uma forma de ensinar algo a alguém, estaria próximo do ato de aprender um conteúdo, executar uma tarefa, fazer algo, específico, ou desenvolver um procedimento com um resultado que, eventualmente, pode ser de antemão conhecido (casos de conferência de saberes), ou não. Este sentido associa metodologia a tal ou qual disciplina, a tal ou qual arte ou técnica.

Mas, se educar é preparar o indivíduo para, como ser crítico e autônomo, alcançar o máximo de perfeição da sua natureza e a melhor integração na vida associada, como pode o método, que tem o caráter de recurso, de meio, de instrumento, apresentar-se como partícipe do resultado, do fim, do alvo?

A nosso ver, o postulado em que descansa essa questão devolve-nos à filosofia da educação. Por trás de metodologias há filosofias de ensino, sem dúvida. Mas filosofias de ensino, desgarradas de um contexto maior, o da filosofia da educação, o que seriam? Que nível de independência poderiam pretender? Não estariam sob o risco de reduzir-se a procedimentos seriados, à pura rotina (*empeiria*), a práticas mecânicas?

Se há alguma possibilidade de se aproximar *metodologias* de *educação*, não há como fazer isso sem aproximar a idéia de ensino da idéia de formação humana, de um lado e, de outro, não há como fazer isso elidindo, nas bases, uma discussão sobre o homem e suas circunstâncias – seu meio ambiente e seu destino, para deixarmos de lado a tão polêmica palavra “*natureza humana*”. E esse olhar o homem por inteiro

implica em subordinar, ao final, a questão do caminho, do método, (do como) à questão dos fins, do sentido último da ação humana.

Ora, isso se torna possível à medida que voltamos à filosofia da educação, diante da qual *metodologia* adquire outro peso e outro fôlego. Então, sim, mudamos de nível, passando do emprego do método no sentido, puro e simples, do “como”, ao emprego do método no sentido de um “como” iluminado “por tais razões”, sem que se descure do “para que”. A metodologia, vista dessa forma, torna-se a alavanca, não apenas de tal ou qual ensino, mas daquela filosofia da educação que inspira a aprendizagem. E passa, agora sim, a ser entendida a partir daqui também como princípio **de** ensino e, não, **do** ensino de tal ou qual disciplina.

É nesse contexto que, em nosso entendimento, torna-se mais fácil abrir espaço para uma aproximação entre educar e ensinar. E isso nos leva a considerar agora a amplitude *formativa* de metodologias. Essa amplitude, na primeira hipótese, pode ser *restringida*, mas não necessariamente abolida, pela *particularidade* do ato de ensinar, nas circunstâncias em que esse ato estiver próximo de uma operação técnica ou científica, o que dependerá da natureza da disciplina, delimitada a certo campo epistemológico. Por exemplo, as disciplinas que contemplam as ciências exatas, relativamente às que contemplam as ciências biológicas; estas, por sua vez, relativamente às humanas e assim por diante.

Na hipótese de não ser abolida, e, sim, mantida a proximidade do ensinar com o educar, essa proximidade poderia (ou deveria?), então, apresentar-se sob forma *residual*. Como princípio operacional, diríamos que essa possibilidade se determinaria pela maior ou menor aproximação da disciplina relativamente a valores, em razão do afastamento dela, maior ou menor, do plano dos fatos, ou, por sua afinidade (da disciplina) com o plano do dever ser. Esse comprometimento axiológico não pode ser descartado, ao final.

Essa visão das coisas, parece-nos, ajusta-se melhor à revolução que se processou, nos últimos séculos, a partir de Rousseau, na educação, e, ainda, no significado de seus métodos, tão variados, no contexto de tantas e tão férteis filosofias da educação. Recordemos Rousseau. Esse Copérnico da educação discute, no *Emílio*, com extremo cuidado, os fundamentos do método que escolhe para a formação e instrução de Emílio, sem jamais desvincular instrução de formação espiritual. Assim, quando pensa em introduzir o garoto na questão relativa à *propriedade*, como o fará? Escolhe um caminho, mas é para o fim da educação que dirige a escolha; Emílio saberá o que é a propriedade, mas, sobretudo, deverá descobrir valores - o que é a solidariedade, a cooperação, o respeito ao outro; saberá o que o trabalho agrega, de valor, à posse da terra.

Dir-se-á que uma outra visão talvez obscureça os ganhos da escola moderna, de métodos ativos. É verdade. Mas, nessa última perspectiva, a metodologia submete-se aos estudos e avanços científicos que favoreçam a educação, comportando-se, então, como um auxiliar precioso para a aprendizagem e a consolidação do conhecimento.

Hoje a criança – considerando-se o homem que ela será amanhã, está no centro de sua própria formação e é o móvel dela; e se essa formação exige o estreitamento entre as disciplinas e integração ao meio, físico e social, nenhuma aplicação de métodos e práticas de ensino pode dizer-se neutra ou inocente. De algum modo, fará, sempre, mais do que ensinar.

Por fim, se há algum fundamento nessas reflexões que apresentamos, façamos votos de que esses dois importantes atos – ensinar e educar, sejam realizados com responsabilidade e amor.

Recebido para publicação em 03-05-11; aceito em 15-06-11